

## SIMPÓSIO AT 193

### O COTIDIANO DOS ALUNOS INDÍGENAS DA ETNIA XAVANTE EM ESPAÇO ESCOLAR URBANO EM BARRA DO GARÇAS/MT

MAGALHÃES, Marly Augusta Lopes de  
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT  
e-mail: professoramarlyaugusta@gmail.com

MAGALHÃES NETO, Aníbal Monteiro de  
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT  
e-mail: professoranibal@yahoo.com.br

SOUZA, Alaine Maria  
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT  
e-mail: alainemaria6@gmail.com

**Resumo:** O cenário educacional de Barra do Garças/MT tem apresentado em seus quadros escolares novos atores, pois temos presenciado uma significativa expansão de matrículas de alunos indígenas da etnia Xavante que estão deixando suas aldeias em busca de novos conhecimentos em escolas públicas urbanas. Observamos que nem todos os professores de escolas públicas urbanas expressam a preocupação de dar aos alunos indígenas matriculados, um mínimo de segurança e igualdade de oportunidade, a fim de que possam desaparecer as desigualdades sociais, linguísticas e culturais. Em nossas pesquisas, presenciamos que existiram e ainda existem em nossos dias pessoas que não admitem a presença de fatos reais em nossa sociedade, especialmente, quando se trata do diferente, do novo. Todo advento que envolve o diferente, o inusitado, como no caso dos alunos indígenas, é recebido com resistência e muito preconceito. Dessa forma, quando se atribui tal relevo sem pensar seu contexto social, enfraquece o ensino e, sobretudo, fragiliza a reflexão. Buscamos como objetivo repensar o cotidiano dos alunos indígenas Xavante em espaço escolar urbano, seus vínculos e tradições materializados no uso da língua, bem como o reflexo dos fatos na linguagem de todos, indígenas e não indígenas. Vivemos momentos complexos e de muitas inseguranças com relação ao sistema educacional em nosso país, assim, pequenas atividades têm apresentado efeitos multiplicadores, no caso, o trabalho desenvolvido pelo projeto de pesquisa: A Migração rural/urbana dos jovens indígenas da etnia Xavante: uma questão de sobrevivência. Para o desdobramento do trabalho utilizamos a pesquisa etnográfica, de cunho qualitativo, pois procuramos interpretar o que está ocorrendo no contexto pesquisado.

**Palavras-Chave:** Alunos Indígenas; Ensino/Aprendizagem; Escolas públicas.

**Abstract:** The educational scene of Barra do Garças / MT has presented new actors in its school staff, as we have witnessed a significant expansion of enrollments of indigenous students of the Xavante ethnic group who are leaving their villages in search of new knowledge in urban public schools. We note that not all urban public school teachers express the concern to give enrolled indigenous students a minimum of security and equal opportunity so that social, linguistic and cultural inequalities can disappear. In our research, we have witnessed that existed and still exists in our day of people who do not admit the presence of real facts in our society, especially when it comes to the different, the new. Every advent involving the different, the unusual, as in the case of the indigenous students, is received with resistance and much prejudice. Thus, when such relief is attributed without thinking about its social context, it weakens teaching and, above all, weakens reflection. We aim to rethink the daily life of Xavante indigenous students in urban school space, their links and traditions materialized in the use of the language, as well as the reflection of the facts in the language of all, indigenous and non - indigenous. We live in complex moments and many insecurities with regard to the educational system in our country, so small activities have had multiplier effects, in this case, the work developed by the research project: Rural / urban migration of indigenous young people of the Xavante ethnic group: an issue survival. For the unfolding of the work we use the ethnographic research, of qualitative nature, because we try to interpret what is occurring in the researched context.

**Keywords:** Indigenous Students; Teaching / Learning; Public schools.

## Introdução

As relações entre povos indígenas e não indígenas têm se tornado cada vez mais estreitas e, conseqüentemente, mais complexas em virtude de migrações cada vez mais constantes da aldeia para a cidade. As razões sociais, históricas, políticas e econômicas para essa migração são variadas se considerarmos os distintos modos pelos quais ocorreu o contato desses povos com a sociedade majoritária e seus respectivos efeitos. Nesse sentido, a migração da aldeia para a cidade é um acontecimento cada vez mais recorrente na história dos povos Xavante, cujas conseqüências incidem sobre diversos aspectos da organização social, vida familiar, divisão do trabalho, etc..

Esta investigação é resultado das atividades desenvolvidas no projeto de pesquisa: A Migração rural/urbana dos jovens indígenas da etnia Xavante: uma questão de sobrevivência, vinculado ao Grupo de pesquisa: Fronteiras, Culturas, Identidades: espaço de diálogo com os povos indígenas do Araguaia/Xingu.

Para seu desdobramento da investigação elegemos, inicialmente, a discussão sobre algumas propostas relacionadas à temática dos direitos indígenas no contexto de interculturalidade, o que nos permitiu uma leitura dos estudos, representados pelos trabalhos de D'Angelis (1999), Grupioni (2002), Silva (1998), preliminar para o ensino de língua para Constituição Federal (1988), entre outros.

## **1. Interface dos estudantes Xavante em contexto educacional urbano**

Como qualquer ser humano, os povos indígenas enfrentam, em seu deslocamento da aldeia para a cidade, momentos conflitantes. Em suas aldeias são soberanos de seus direitos e deveres, em espaços urbanos, são como no mito de Sísifo<sup>1</sup>, conduzem suas pedras e seus percalços por vias íngremes, quando pensam que estão chegando ao topo, vencendo os obstáculos sociointeracionais, tudo parece ruir, exigindo deles novo recomeço. Em muitas ocasiões, percebemos que nem mesmo a Lei 9.394/96 é respeitada, quando diz: “[...] garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não índias”. (BRASIL, 2017, p. 51)

Dessa forma, torna-se necessário que a sociedade não indígena passe a se preocupar mais com os pontos mais sensíveis da problemática indígena, pois ao deixarem seus ambientes naturais enfrentam vários tipos de turbulências, bem como, as novas guerras de preconceitos que se avizinham. Segundo D'Angelis, “[...] não há conflito quando todos são concordes e buscam a mesma coisa, da mesma forma que não é preciso alegar, reivindicar ou declarar direitos quando todos são tratados de forma igual”. (D'ANGELIS, 1999, p.9)

---

<sup>1</sup> Os deuses condenaram Sísifo a rolar incessantemente uma rocha até o cume de uma montanha de onde a pedra se precipitava por seu próprio peso. Eles pensaram com alguma razão que não há punição mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança. Disponível em: <http://www.teatrodomundo.com.br/o-mito-de-sisifo/>. Consultado em: 07/05/2019.

Dessa forma, é preciso integrar os alunos indígenas nos vários ambientes escolares, pois essa aproximação com a sociedade urbana, pode levá-los ao processo de desintegração cultural, conduzindo-os, assim, a vários tipos de desajustes individuais, tanto psíquicos como em suas relações sociais, isso muitas vezes, os leva a marginalidade e ao delito. O que percebemos em nossa investigação é que os estudantes indígenas Xavante se veem entre dois mundos: um que os atraem, e outro que ao mesmo tempo os repelem. Para os habitantes da aldeia eles estão se tornando seres estranhos, para os não índios continuam a serem índios. Para Seki,

Desequilibrados entre dois mundos quase impossíveis de combinar, não há como exigir dos índios coerência. Querem ser índios como os antepassados e reafirmar tradições; querem experimentar novas formas, tentadoras, avassaladoras, as dominantes na sociedade. O pêndulo entre o interesse individual e a fiel defesa do comunitário é um dos traços desse dilema. (SEKI, 1993, p. 131).

Dessa forma, cabem às instituições de ensino a tarefa de esclarecer sobre a importância da preservação de sua cultura, a fim de edificar a ponte que os ligará as conquistas do presente, sem, no entanto, sacrificar o seu passado. O que importa é formar uma sociedade eficaz na conduta de suas responsabilidades sociais, alunos conhecedores de seus direitos e deveres, que priorizem suas inclusões, nas escolas públicas urbanas, com a perspectiva de ascensão, sem deixar de serem índios.

Sabemos que o conhecimento relacionado aos fatores culturais é construído pela relação que o homem tem com os outros homens e com a natureza e, assim, é também, mediatizada pela força do trabalho. Assim, podemos dizer que se trata de um processo em movimento e, como tal, apresenta sua complexidade e seus conflitos relacionados ao tempo, ao espaço, bem como, a outras camadas sociais. (MAGALHÃES, SANTOS e MAGALHÃES NETO, 2018, p. 264)

Uma das características fundamentais das escolas públicas urbanas é o fato de que elas podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e

social dos estudantes indígenas Xavante envolvidos no processo, pois só vivenciando situações concretas é que elas podem de fato contribuir com o desenvolvimento social, linguístico e cultural desses novos atores, uma vez que, todo profissional da educação deveria ter certa visão de mundo e certo conjunto de práticas para lidar com as mudanças esperadas e não esperadas que ocorram em seus ambientes de trabalho e também fora dele.

## 2. Os aspectos sociointeracionais

No Brasil, a concepção de educação intercultural bilíngue tem suas raízes na luta dos povos indígenas pelos seus direitos, entre eles, o direito a uma educação específica, diferenciada, intercultural bilíngue. As reivindicações do Movimento Indígena por uma educação específica acabaram sendo acolhidas na Constituição de 1988, que, no art. 231 (BRASIL, 2019), garante aos povos indígenas o direito à cidadania plena e ao reconhecimento de sua identidade diferenciada e sua manutenção.

Nos dias atuais devemos salientar a importância do respeito à diversidade e do diálogo como forças coletivas indispensáveis para o desenvolvimento sustentável e como garantias da coesão com o mundo em que cada cultura luta para a preservação de sua identidade e de sua dignidade. No contexto brasileiro, a situação dos povos indígenas requer uma análise mais profunda sobre a complexidade e as perspectivas futuras relacionadas às culturas e às línguas indígenas, principalmente, se levarmos em conta as atitudes governamentais, que têm variado historicamente na hora de encarar de perto a questão referente aos povos indígenas. Para Grupioni,

Não há hoje uma clara distribuição de responsabilidade entre a União, os estados e os municípios, o que dificulta a implantação de uma política nacional que assegure a especificidade do modelo de educação intercultural e bilíngue nas comunidades indígenas (GRUPIONI, 2002, p. 55).

As relações de contato entre Estado e sociedades indígenas, historicamente, deram-se de forma assimétrica, nas quais o outro, o indígena, é sinônimo de atraso econômico, cultural e ausente de leis que regulem e visem ao bem-estar social tanto do grupo quanto do sujeito em sua individualidade.

É lamentável que a presença dos povos indígenas, particularmente da etnia Xavante, em escolas públicas urbanas, possa provocar tamanho retrocesso no campo da compreensão e da aceitação dos direitos individuais e coletivos daqueles que, na esperança de novas mudanças, afastam-se de suas aldeias e da convivência familiar em busca de novos espaços/desafios junto à sociedade não indígena.

Sem uma prévia visão retrospectiva, sem uma visão do passado incidindo sobre o presente, torna-se impossível situar os acontecimentos da história dos povos indígenas dentro do seu próprio tempo. Para que se possa afirmar corretamente os fatos que acontecem entre os estudantes indígenas e a sua situação na atualidade é necessário que se tenha expoentes autênticos dos avanços que transformaram esse grupo social desde o descobrimento.

O nosso trabalho de pesquisa, do qual originou este artigo, funciona como eixo motivador e esclarecedor dessas questões que de alguma forma, ainda permanecem obscuras.

### **3. Metodologia**

Dentre os métodos utilizados para conhecer o verdadeiro perfil dos estudantes indígenas, na cidade de Barra do Garças/MT, além da observação participante, procuramos conviver com eles, pelo menos algumas horas nas escolas e, nos mais variados espaços públicos, a fim de observar as tendências sociais e culturais, ao longo da sua permanência em espaços públicos urbanos.



## Considerações

Diante da complexidade e da envergadura dos desafios no campo da educação indígena, estudos no âmbito do ensino-aprendizagem procuram desvelar problemas reais ou potenciais nas interações dialógicas do dia a dia escolar entre sujeitos culturalmente distintos, (índio/não índio) e ao mesmo tempo enfatizar a urgente necessidade de se desenvolver estratégias políticas de assistências não só aos estudantes indígenas, mas todo coletivo escolar, a fim de que derrubem as barreiras discriminatórias tão presentes nos cenários das escolas públicas urbanas.

Dessa forma, conhecendo a organização política e social desses povos, há que se lançar um novo olhar sobre as decisões a serem tomadas sobre essa nova realidade, pois não é possível fazer previsões das condutas desses jovens que satisfaçam, a princípio, os anseios da sociedade, considerando que as vicissitudes individuais e sociais dos estudantes indígenas apontam para outros horizontes.

Não se pode simplificar a história, quando percebemos em uma árvore cujas folhas estão se tornando amarelas e caindo, os galhos tornando-se cada vez mais secos, não basta arrancar as folhas amareladas e os galhos danificados, faz-se necessário, sobretudo, lembrar que a doença dos galhos e das folhas é consequência dos danos causados a raiz, que mesmo submersa é a que dá sustentação e vida às folhas e aos galhos.

## Referências bibliográficas

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Atualizada até a Emenda Constitucional nº 99, de 14 de dezembro de 2017 (Páginas de 15 a 283). São Paulo. Imprensa Oficial, 2019. Disponível em: [https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/Constituicoes\\_declaracao.pdf](https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/Constituicoes_declaracao.pdf). Acessado em: 07/05/2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referência para formação de professores indígenas**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 2002.

BRASIL. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Educação Escolar Indígena**: um projeto étnico ou um projeto étnico-político? Texto apresentado no 12º COLE, UNICAMP, 1999.

GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi. **Caderno de apresentação**: Programa Parâmetro em Ação de Educação Escolar Indígena–Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 2002.

GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi. **As leis e a educação escolar indígena**: Programa Parâmetro em Ação de Educação Escolar Indígena. Brasília, MEC; 2002.

GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi. **Quem são e onde estão os povos indígenas e as suas escolas no Brasil?**

MAGALHÃES, Marly Augusta Lopes de. SANTOS, Mônica Maria dos. MAGALHÃES NETO, Aníbal Monteiro de. Convivendo com a diversidade: a inclusão do aluno indígena da etnia Xavante em escolas públicas urbanas de Barra do Garças/MT. *IN*: OLIVEIRA, Rosimar R. Rodrigues de. OLIVEIRA, Sheila Elias de. RODRIGUES, Marlon Leal. KARIM, Taisir Mahmudo. **Linguagens e significação**: sujeitos indígenas. Campinas. Pontes Editores, 2018.

SEKI, Lucy (org.). **Linguística Indígena e Educação na América Latina**. Campinas: Unicamp, 1993. v. 1. 408 p.

SILVA, Aracy Lopes da & L.D.B. GRUPIONI (orgs.). **A temática indígena na escola**. Brasília: 1998